

J.D. Salinger

Levantai Alto o Pau de Fileira,
Carpinteiros
e Seymour — Uma Introdução

Tradução de Salvato Telles de Menezes



QUETZAL serpente emplumada | J.D. Salinger

*Se houver ainda neste mundo um apaixonado pela leitura
— ou alguém que leia e persista —, peço-lhe,
com afeto e gratidão indizíveis, que divida em quatro,
com a minha mulher e os meus filhos, a dedicatória deste livro.*

Levantai Alto o Pau
de Fileira, Carpinteiros

HÁ UNS VINTE ANOS, UMA NOITE em que a nossa enorme família estava sitiada pela papeira, a minha irmã mais nova, Franny, foi transferida, com berço e tudo, para o quarto ostensivamente livre de germes que eu partilhava com o meu irmão mais velho, Seymour. Eu tinha quinze anos, Seymour dezassete. Por volta das duas horas da manhã, fui acordado pelo choro da nova companheira de quarto. Deixei-me ficar quieto, em posição neutra durante alguns minutos, escutando a berraria, até que ouvi, ou senti, Seymour mexer-se na cama perto da minha. Nesses tempos tínhamos sempre uma lanterna na mesinha de cabeceira entre as duas camas, para emergências que, tanto quanto me lembro, nunca houve. Seymour acendeu-a e saiu da cama.

— A mãe disse que o biberão está em cima do fogão — disse-lhe.

— Dei-lho há pouco. Não é fome — replicou Seymour.

Moveu-se às escuras até chegar à estante e passou a luz da lanterna lentamente, para trás e para frente, pelas prateleiras.

Sentei-me na cama.

— O que é que vais fazer?

— Pensei que talvez lhe pudesse ler qualquer coisa... — respondeu Seymour e pegou num livro.

— Por amor de Deus, ela só tem dez meses! — disse eu.

— Eu sei — retorquiu ele —, mas as crianças têm ouvidos. São capazes de ouvir.

A história que Seymour leu a Franny, nessa noite, à luz da lanterna, era uma das preferidas dele, um conto taoista. Franny ainda hoje jura que se lembra de Seymour lha ter lido.

«O duque Mu da China disse a Po Lo:

— Já estás velho. Há algum membro da tua família a quem possa encarregar de me procurar cavalos?

Po Lo respondeu:

— Um bom cavalo é escolhido pela estrutura geral e pela aparência. Mas o melhor cavalo, aquele que não levanta pó nem deixa rasto, *é uma* coisa evanescente e fugaz, esquivo como o ar ténue. O talento dos meus filhos é de nível inferior; quando veem cavalos são capazes de escolher os bons mas incapazes de reconhecer os excepcionais. Todavia, tenho um amigo, um tal Chiu-fang Kao, vendedor ambulante de combustível e verduras, que, no que concerne a cavalos, não me é em nada inferior. Rogo-lhe que fale com ele.

O duque Mu assim fez e depois mandou-o procurar-lhe um garanhão. Três meses volvidos, regressou com a notícia de que tinha encontrado um.

— Está agora em Shach'iu — acrescentou.

— Que espécie de cavalo é? — perguntou o duque.

— Oh, é uma égua baia — foi a sua resposta.

Mas quando alguém foi buscar o animal, verificou-se que era um garanhão negro como carvão! Muito aborrecido, o duque mandou chamar Po Lo.

— Aquele teu amigo que encarreguei de me procurar um cavalo arranjou uma boa confusão. Nem sequer é capaz de

distinguir a cor ou o sexo de um animal! O que é que ele entende de cavalos?

Po Lo soltou um suspiro de satisfação.

— Já conseguiu chegar a esse requinte? — exclamou. — Ah, sendo assim, vale dez mil vezes mais do que eu. Não há comparação possível entre nós. Aquilo que Kao leva em consideração é o mecanismo espiritual. Ao assegurar-se do essencial, esquece os pormenores triviais; atento como está às qualidades interiores, descarta o que é exterior. Vê o que quer ver e não o que não quer. Observa as coisas que deve observar e desconsidera as que não merecem ser observadas. Kao é um juiz tão inteligente de cavalos que bem merece julgar outra coisa que seja melhor do que esses animais.

Quando o cavalo chegou, verificou-se que era, efetivamente, um animal excepcional.»

Reproduzi aqui este conto não só porque me afasto invariavelmente do meu caminho para recomendar uma boa e tranquilizadora prosa a pais e irmãos mais velhos de crianças de dez meses, mas também por uma razão muito distinta. O que se segue é a história de um dia de casamento em 1942. É, em minha opinião, uma narração autónoma, com um princípio e um fim, e uma mortalidade, tudo muito próprio. Contudo, como estou na posse dos factos, sinto que devo mencionar que o noivo, agora, em 1955, há muito que morreu. Suicidou-se em 1948, quando passava férias na Florida com a mulher... No entanto, onde eu quero indubitavelmente chegar é a isto: desde que o noivo se retirou de cena, nunca mais consegui pensar em alguém que gostasse de mandar à procura de cavalos.

No final de maio de 1942, a prole — sete ao todo — de Les e Bessie (Gallagher) Glass, atores de comédia reformados

do Pantages Circuit, espalhou-se, para falar de uma maneira extravagante, por todo o território dos Estados Unidos. Eu, por exemplo, que sou o segundo filho, estava no hospital de Fort Benning, na Geórgia, com uma pleurisia — uma pequena recordação de treze semanas de treino básico de infantaria. Os gémeos, Walt e Waker, tinham sido separados um ano antes. Waker estava num campo de objetores de consciência, em Maryland, e Walt estava algures no Pacífico — ou a caminho de lá —, integrado numa unidade de artilharia de campanha. (Nunca soubemos ao certo onde estaria Walt nesse momento concreto. Nunca foi um grande escritor de cartas e muito pouca informação pessoal — quase nenhuma — nos chegou após a morte dele. Walt morreu num acidente inenarravelmente absurdo em finais do outono de 1945, no Japão.) A minha irmã mais velha, Boo Boo, que surge, cronologicamente, entre os gémeos e eu, era guarda-marinha no Serviço de Voluntárias da Marinha de Guerra intermitentemente aquartelado numa base naval de Brooklyn. Durante toda essa primavera e todo esse o verão, Boo Boo ocupou o pequeno apartamento de Nova Iorque que eu e meu irmão Seymour quase tínhamos abandonado a seguir à nossa incorporação. Os dois filhos mais jovens da família, Zooey (homem) e Franny (mulher), estavam com os nossos pais em Los Angeles, onde o meu pai era um caçador de talentos para um estúdio cinematográfico. Zooey tinha treze anos e Franny oito. Apareciam todas as semanas num concurso radiofónico infantil chamado, talvez com uma tipicamente pungente ironia costa-a-costa, «É Uma Criança Sábia». De vez em quando, posso muito bem trazer isso à colação — ou, melhor, num ou noutro ano —, todas as crianças da nossa família foram semanalmente «hóspedes» pagos de «É Uma Criança Sábia». Seymour e eu fomos os primeiros a aparecer no espetáculo, em 1927, com dez e oito anos de idade,

respetivamente, nos tempos em que o programa «dimanava» das salas de reuniões do velho edifício do Hotel Murray Hill. Nós os sete, desde Seymour a Franny, participámos no espetáculo sob pseudónimo. O que pode parecer muito estranho, tendo em consideração que éramos filhos de atores de variedades, seita que não costuma mostrar antipatia em relação à publicidade, mas a minha mãe tinha uma vez lido um artigo numa revista sobre as pequenas cruces que as crianças profissionais são obrigadas a suportar — o afastamento de uma sociedade normal, presumivelmente desejável — e adotou uma posição férrea a esse respeito da qual nunca se afastou. (Este não é de maneira nenhuma o momento de discutir se a maioria — ou todas — as crianças «profissionais» deve ser proscrita, lamentada ou executada implacavelmente por perturbar a paz. Nesta ocasião, limitar-me-ei a transmitir que os nossos ganhos conjuntos em «É Uma Criança Sábia» serviram para mandar seis de nós para a faculdade, tendo entretanto chegado a vez do sétimo.)

O nosso irmão mais velho, Seymour — de quem aqui me vou ocupar quase exclusivamente — era cabo naquilo que, em 1942, ainda se chamava Corpo Aéreo. Estava aquartelado numa base de B-17, na Califórnia, onde, *julgo*, trabalhava nas oficinas. Posso acrescentar — não inteiramente entre parênteses — que era de longe o escritor de cartas menos prolífico da família. Não me parece que tenha recebido cinco cartas dele em toda a minha vida.

Na manhã de 22 ou 23 de maio (na minha família nunca ninguém datou a correspondência) alguém deixou uma carta da minha irmã Boo Boo aos pés da minha cama, no hospital de Fort Benning, enquanto o meu diafragma estava a ser ligado com fita adesiva (procedimento médico habitual para doentes com pleurisia que se presumia ser capaz de evitar

que tussam até se desfazerem em bocados). Quando a provação terminou, li a carta de Boo Boo. Ainda a tenho e aqui a reproduzo *verbatim*:

Querido Buddy,

Estou a fazer as malas a toda a pressa, pelo que esta vai ser curta mas *penetrante*. O almirante Belisca-Rabos resolveu que tem de voar para parte incerta a fim de colaborar no esforço de guerra; resolveu também levar a secretária, se eu me portar bem. Estou farta disto. Pondo de parte Seymour, para mim isto significa barracas em bases aéreas geladas e piropos infantis dos nossos combatentes, bem como aquelas horríveis coisas de papel que servem para vomitar no avião. A questão é que o Seymour vai casar-se — sim, *vai casar-se* — e portanto presta atenção. Eu não poderei ir. Posso estar ausente de seis semanas a seis meses. Já conheci a rapariga. Quanto a mim, é um zero, mas espampanante. Se queres que te diga, não *sei* se é um zero. A verdade é que mal disse duas palavras na noite em que a conheci. Esteve sentada, sorriu e fumou, por isso talvez não seja justo dizer isso. Não sei absolutamente nada do romance em si, exceto que se terão conhecido no inverno passado, quando o Seymour esteve no quartel de Monmouth. A mãe é o fim: mete o dedo em todas as artes, tem duas vezes por semana consulta com um junguiano (na noite em que a conheci, perguntou-me duas vezes se eu nunca tinha sido psicanalisada). Disse-me que gostaria que Seymour *convivesse* com mais gente. Sem parar para respirar, disse-me que gosta muito dele, embora, etc., etc., e que o tinha ouvido religiosamente durante todos os anos em que esteve na rádio. Isto é tudo o que sei, além de que *tens de* ir ao casamento. Nunca te perdoarei se não fores. Falo a sério. A mãe e o pai não podem ir porque estão

na outra costa. Por outro lado, a Franny está com sarampo. Ouviste-a, por acaso, a semana passada? Espirou-se longa e perfeitamente sobre a maneira como costumava voar pela casa quando tinha quatro anos e não havia lá mais ninguém. O novo locutor é pior que o Grant — se isso for possível, é mesmo pior que o Sullivan dos velhos tempos. Disse-lhe que certamente ela *sonhava* que estava a voar. A miúda aguentou-se como um anjo. Retorquiu que *sabia* que era capaz de voar, porque quando descia tinha sempre os dedos sujos de tocar nas lâmpadas. Anseio vê-la. E a ti também. Seja como for, *tens de* arranjar maneira de ir ao casamento. Nem que seja sem licença, se não houver outro remédio, mas faz o favor de *ir*. É às três, no dia 4 de junho. *Muito* não sectário e Emancipado, em casa da avó dela, na Rua Sessenta e Três. Um juiz qualquer vai casá-los. Não sei o número da porta, mas fica exatamente dois prédios depois da casa onde o Carl e a Amy viviam luxuosamente. Vou mandar um telegrama ao Walt, mas creio que já embarcou. *Faz-me o favor de ir* ao casamento, Buddy. O Seymour está magro como um cão e tem aquela expressão extática que corta a fala. Pode ser que tudo corra bem, mas odeio 1942. Creio que odiarei 1942 até à morte por uma questão de princípio. Ver-nos-emos quando eu regressar.

Com amor.

Boo Boo

Um par de dias depois de ter recebido esta carta, deram-me alta no hospital, mas sob a custódia, por assim dizer, de cerca de três jardas de adesivo à volta das minhas costelas. Começou então uma campanha extenuante que durou uma semana para conseguir que me dessem autorização para assistir ao casamento. Lá o consegui insinuando-me trabalhosamente no espírito do comandante da minha companhia, um homem afeiçoado aos livros, segundo a sua própria confissão, cujo

autor favorito era, por sorte, também o meu — L. Manning Vines, ou talvez Hinds. Apesar deste laço espiritual, o mais que lhe pude sacar foi uma licença de três dias, que, no melhor dos casos, me daria o tempo suficiente para ir de comboio até Nova Iorque, assistir ao casamento, engolir à pressa um jantar em qualquer parte e depois voltar deprimido à Geórgia.

Lembro-me de que em 1942 todas as carruagens de comboios eram apenas nominalmente ventiladas, abundavam em pessoal da Polícia Militar e cheiravam a sumo de laranja, leite e uísque de centeio. Passei a noite a tossir e a ler uma história de quadrinhos que alguém teve a gentileza de me emprestar. Quando o comboio chegou a Nova Iorque — às duas e dez da tarde do casamento —, estava desfeito pela tosse, exausto, suado, com a roupa amarrotada e uma comichão terrível causada pela ligadura adesiva. Estava um calor indescritível em Nova Iorque. Não tive tempo de ir primeiro a casa, pelo que deixei a bagagem, que consistia num saco de lona com fecho de correr e aspeto opressivo numa daquelas caixas de aço que há na Penn Station. Para tornar as coisas ainda mais irritantes, enquanto vagueava pelo bairro das fábricas de roupa à procura de um táxi livre, um segundo-tenente do Corpo de Transmissões, a quem, segundo parece, não fiz continência ao atravessar a Sétima Avenida, tirou de repente uma caneta de tinta permanente do bolso para tomar nota do meu nome, número e morada, enquanto um grupo de civis nos observava com ar interessado.

Estava derreado quando por fim entrei num táxi. Dei ao motorista as indicações que pelo menos me levariam até à velha casa «do Carl e da Amy». Contudo, logo que cheguei a esse quarteirão, tudo foi simples. Bastava seguir a multidão. Até havia um toldo. Pouco depois entrei numa velha e enorme moradia de pedra, onde fui recebido por uma mulher bonita, com o cabelo cor de alfazema, que me perguntou se era amigo da noiva ou do noivo. Disse-lhe que do noivo.